

O VÍRUS, O PRÍNCIPE E A MÁSCARA NUM CONTO DE EDGAR ALLAN POE

Gladir da Silva Cabral

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov02>

O conto de Edgar Allan Poe “A máscara da morte rubra” (1842) relata uma história aterradora sobre um vírus que assola um país inteiro. A população já havia sido reduzida à metade. Numa inusitada decisão, o príncipe daquele reino arrasado resolve isolar-se do resto da população contaminada. Pensando assim, ele chama “mil amigos saudáveis e festivos” para se esconderem numa “abadia acastelada” – são os cúmplices dos seus desejos de felicidade privada. Os portões de aço do castelo foram chumbados a ferrolhos. “A abadia tinha provisões em abundância. Com tais precauções, os cortesãos poderiam desafiar o contágio. O mundo exterior tomaria conta de si mesmo”. Enquanto isso, a peste se alastrava pelo país. Os sintomas eram assustadores: vermelhidão na pele, manchas pelo corpo, dores agudas, tonturas súbitas e o profuso sangramento pelos poros. A contaminação era fulminante: entre os primeiros sintomas e a morte fatal, passavam-se apenas 30 minutos.

A abadia escolhida como refúgio contava com sete salões, cada um decorado pesadamente com cores e motivos distintos – havia o salão azul, o púrpura, o verde, o laranja, o branco, o violeta e o preto. Nas paredes de cada salão, havia vitrais combinando com as cores internas. A iluminação vinha de um corredor externo, onde tripés sustentando braseiros em chama que lançavam seus clarões através dos vitrais. A intenção talvez fosse produzir efeitos belos; o resultado, no entanto, era fantasmagórico e aterrador, principalmente no último salão, decorado de preto, que também continha um grande relógio de ébano que marcava as horas com fortes badalas.

Passado algum tempo, para vencer o tédio e a rotina daquela quarentena sem data para acabar, o Príncipe resolve dar uma grande festa. Esse é mais um sinal de sua racionalidade enviesada: uma festa palaciana em meio à desgraça do mundo. Ele foge da atitude mais sensata para um governante

naquela altura da história, que seria um espírito contrito capaz de conhecer a linguagem do lamento. Em vez disso, promove um grande baile à fantasia, com muita comida, bebida, orquestra de música, dança, bufões, artistas, improvisadores, e convidados usando máscaras exóticas, bizarras.

No baile de máscaras, no qual os convidados participam de modo luxurioso, tudo faz crer que estamos no limite entre o que é aceitável, o que está dentro do decoro, e o grotesco, o que ultrapassa essa medida, algo que os antigos gregos associavam ao conceito de *hybris*. E foi essa desmesura última e absoluta que identificaram no porte e na máscara do novo convidado, do estranho que subitamente apareceu e interrompeu a festa, uma presença perturbadora que desfaz a roda do poder. Esse personagem chega ao fim da narrativa, perto da meia-noite, quando a tensão das batidas do relógio atingia seu ápice.

Essa é uma história sobre o poder e como o Príncipe foge das urgências do dia e do povo e se isola em seu mundo imaginário. É assustadora a falta de solidariedade e responsabilidade para com os que ficaram do lado de fora da abadia. É o poder sem amor, sem um mínimo de empatia pelos pobres e adoentados. Mas a vida não é uma festa à fantasia, a vida é para valer, e quem evita o caminho da responsabilidade pelo outro, da solidariedade, acaba tendo de encarar um acerto de contas final consigo mesmo e com a história.

REFERÊNCIAS

POE, Edgar Allan. A máscara da morte rubra. *In*: POE, Edgar Allan. *Contos de terror, de mistério e de morte*. Tradução de Oscar Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. [1842]. p. 130-135.